



A marginalização do estereótipo da favela no cinema brasileiro¹

Lucivania MOTA²

Adriana CAMARGO³

Resumo: O seguinte artigo tem como o objetivo discorrer sobre os estereótipos passados pelos meios de comunicação, neste caso o cinema, com os filmes Cidade de Deus e Tropa de Elite. Com base em uma pesquisa quantitativa foi constatado a influência desses meios ao conseguir disseminar e enraizar conceitos pré estabelecidos das favelas. Trazendo essa discussão para a cidade de Vitória da Conquista- Bahia, por meio da pesquisa, percebe-se que um índice considerável acredita que aquele modelo passado de favela se aplica na cidade, desconsiderando assim a estrutura social e as diferenças presentes nessas periferias.

Palavras chaves: Marginalização da favela, Estereótipo, Violência, Cinema nacional.

1. Introdução

Os meios de comunicação têm um poder de persuadir a opinião pública. O cinema é um exemplo disso. Os filmes contribuem de modo significativo com os preconceitos e generalização de um perfil que se enraízam na mente da população. A favela, por exemplo, perpetua a imagem de que nesse tipo de comunidade só exista marginalização. Em se tratando de favelas em filmes nacionais normalmente é focado a violência de modo estereotipado. Neste artigo vamos analisar especificamente os longas Tropa de Elite, que foi considerado melhor filme do ano em 2007 e Cidade de Deus lançado em 2002, que concorreu ao Oscar. Os dois longos abordam o tema sobre a violência no Rio de Janeiro, tráfico de drogas e “realidade” das favelas. Mas será que é a imagem

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

²Discente do IV semestre Curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB.

³ Orientado por Adriana Camargo. Professora do Curso de Jornalismo da UESB.



passada nesses filmes nas grandes telas na sala de cinema além de exagerada não seria estereotipada? No decorrer do artigo vamos tentar discutir e responder esta pergunta. Para elaboração desse artigo além de analisar cada filme fizemos uma pesquisa com discentes do curso de Jornalismo e Cinema da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB. Com objetivo de descobrir o que de fato os filmes passam e como isso é repercutido no dia-a-dia das pessoas, com o recortado para a realidade de Vitória da Conquista na Bahia. Discutir a influência desses longas na opinião pública desta cidade do interior baiano.

2. Cinema Nacional

O cinema é um tipo de arte que mais cresce. Um meio de comunicação influente e que pode ser usada como uma grande arma de propagação da cultura, práticas sócias e outros fatores. Essa linguagem tem como objetivo de representar real, de construção de identidades e a cinematografia brasileira tem como sugestão ser uma ponte de difusor da realidade. Para Junkes a linguagem cinematográfica é uma linguagem de signos, então o cinema pode servir para a transmissão de idéias e de emoção estética, ele realmente tem sua própria linguagem. (JUNKES apud OLIVEIRA, 2007). No período de 1960 e 1970 o cinema brasileiro surge com uma característica de arte e de intervenção social. Atualmente, o cinema está focado em retratar os problemas sociais de pequenos grupos. Por esse motivo os filmes que foram surgindo teve os temas ligados a pobreza, violência urbana, migração e outros temas. Nos filmes *Tropa de Elite* e *Cidade de Deus*, que tentam retratar a criminalidade com abordagens pesadas, denuncia a realidade, mas não retrata o real, pois o exagero foge do cotidiano e generaliza de modo extremo a violência e a marginalidade presente nas favelas. A grande questão é saber como essa identidade deturpada e expandida pelo o Brasil a fora constrói uma opinião pública negativa em relação a favela, pois o cinema é um dos meios que passa sua concepção, constrói pensamento para toda a sociedade, pregando assim o que a grande tela mostra ou retrata.

3. Filme Tropa de Elite

O filme *Tropa de Elite* de José Padilha foi considerado como melhor filme do ano em 2007. De acordo com Oliveira, a polêmica em torno desse longa começou quando, o



filme passou a ser distribuído em cópias piratas atingindo um número de vendas estimados em 10 milhões. O lançamento oficial só foi em 12 de outubro do mesmo ano, porém as cópias já circulavam aproximadamente 3 meses, mas isso não impediu que ele ficasse em primeiro lugar nas bilheteiras quando foi estreado. O filme recebeu o prêmio Urso de Ouro de melhor filme no Festival de Berlim em 2008.

O longa foi criticado de várias formas, pontos positivos e negativos. Vamos nos a ter a violência e o estereótipo retratado neste filme. A história começa ser contada em 1997, quando iria acontecer a visita do Papa João Paulo II. No cenário de guerra entre traficante e a polícia, o pontífice ficará na casa de um Arcebispo, no Morro do Turano. Por essa razão a segurança durante a visita estará nas mãos dos policiais do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar, o BOPE. Durante o enredo, mostra a Tropa de Elite como a única polícia incorruptível, mas que não que não tem limite para conter o tráfico. A narração foi feita na primeira pessoa. Com intercalação dos fatos e comentários do Capitão Nascimento. Ele consegue ser herói-vilão estressado com o processo de violência, sofre bastante com isso.



Foto: Blog Olho do Ciclope

Com toda criação da imagem mágica em torno do BOPE, acaba se espalhando a imagem do bom moço da PM, independente de torturas retratadas como a asfixia com saco-plástico com moradores da favela pra obter informação. Castigando aqueles que



não obedecem as ordens. Tropa de Elite tem uma política que despreza e confronta os direitos humanos de modo cru. Com aquela velha frase “os fins justificam os meios”. E como a música que soldados dessa tropa cantam no decorrer do treinamento “subir na favela e deixa corpos no chão”. Surge o herói, pai da justiça, Nascimento, que na sequência do longa vai se caracterizando como a pessoa justa e capaz. Tem os seus seguidores e submissos que entre dois ele vai escolher o melhor. Por incrível que parece um era branco e outro preto, ele escolheu o branco. Depois que o branco morreu, o preto Matias foi escolhido, não tinha outra opção. Sendo que em todo o percurso, Matias foi colocado como o irracional, inteligente, mas “burro”, ingênuo demais pra ser um capitão.

O que chama atenção além da supervalorização da violência é o estereótipo da favela e uma imagem exagerada sobre comportamento dos moradores desse tipo de comunidade. A marginalização de modo generalizada. Fora as deturpações que foram afirmadas no roteiro, tanto sobre ONGS quanto estudantes que lutam por causas sociais.

4. Pirataria no Brasil

Pirataria é a prática de vender produtos falsificados sem a autorização dos proprietários dessa marca ou produto. Considerada como o crime do século XXI pelos especialistas da área, a pirataria, de acordo com George Segundo está arrebatando mais que o narcotráfico. Os objetos mais pirateados nos camelódromos do Brasil estão entre CDs, softwares, vestimentas, calçados, utensílios domésticos em geral, aparelhos celulares e etc (SEGUNDO apud OLIVEIRA, 2007). Além desses objetos serem de mal qualidade e pouca durabilidade, alguns produtos podem até mesmo serem causas de problemas ligados à saúde, como por exemplo, óculos de sol e remédios. Quanto ao âmbito econômico essa prática também ocasiona sérios problemas. Vale evidenciar que esta prática é considerada criminosa contra os direitos autorais e o indivíduo pode pegar de quatro anos de reclusão e o pagamento de uma multa.

O filme Tropa de Elite, de José Padilha, não fugiu a regra e foi considerado o longa mais pirateado do cinema brasileiro. Para o longa essa falsificação serviu como uma "propaganda gratuita" trazendo mais visibilidade e reconhecimento entre as camadas mais pobres. Este fato trouxe uma discussão pertinente quanto ao público que frequenta os cinemas, a questão da democratização dos meios e a problemática da prática da pirataria. Primeiramente é preciso salientar que essa conduta ilegal de comprar produtos



piradas é um fato e não deve mais ser ignorado. As pessoas menos favorecidas são instigadas o tempo inteiro com propagandas e marketing sobre vestimentas, calçados, filmes, entre outros e essas mesmas pessoas sentem a necessidade de consumir tais produtos e acabam apelando para a pirataria, a única forma de obter seu desejo. Com *Tropa de Elite* não foi diferente. O público esperado para encher as salas do cinema era o da classe média e quase como uma resposta a essa elite, o longa já havia feito sucesso a aproximadamente três meses antes da estreia, pela então classe baixa. Esse sucesso extraordinário se deve, segundo o sensacionalismo, o velho espreme que sai sangue, além do apelo cinematográfico de filmes de violência e ação em prol da audiência, pelo fato de que o cenário onde tudo aquilo se passava era o local onde esse público residia. Não se pode descartar a possibilidade desse sucesso está ligado, também, pelo motivo dessas pessoas serem, segundo o estereótipo passado pelo filme, as mesmas que o BOPE irá abordar, ou seja, trás a regionalização do assunto, portanto uma identificação maior com o longa.

Toda essa movimentação de *Tropa de Elite* antes mesmo de estrear nas telonas levantou o questionamento para a então democratização aos meios de comunicação e a pirataria, nesse caso, serviu para dar acessibilidade às pessoas de renda inferior a visualizar um conteúdo que também o diz respeito. Não se pode esquecer que a pirataria, mesmo trazendo este benefício aos menos favorecidos, continua sendo uma prática ilegal.

5. Cidade de Deus

O filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, foi lançado no ano de 2002 e recebeu quatro indicações ao Oscar: melhor diretor, Fernando Meirelles, melhor fotografia, César Charlone, melhor edição, Daniel Resende e melhor roteiro adaptado, Bráulio Mantovani. A grande maioria dos atores presentes no longa eram reais moradores da favela, *Cidade de Deus* ou *Vidigal*, antes da produção do filme foi feito uma oficina de atores e em seguida foi produzido um curta metragem a fim de escolher e definir quem seriam os atores do mesmo.

A história gira em torno do jovem negro chamado Buscapé. Meirelles tenta trazer um novo viés de protagonista: o negro que reside na favela e revela em sua personalidade, segundo Érica Rodrigues Fontes (2007) “*a o mais nobre heroísmo, bondade e coragem*”. No início do longa, começa com ele entre os bandidos da turma do Zé Pequeno e os policiais. A partir daí inicia uma narrativa em primeira pessoa em que

Buscapé conta como foi parar naquela situação. Anos antes havia um grupo de amigos que se auto intitulavam como Trio Ternura, sendo que um deles era irmão de Buscapé, e este trio era responsável pela onda de assaltos naquela região. Diante do roubo a um motel a gangue fica ainda mais em evidência na mídia visto que foi um massacre que comoveu a cidade. Nesse momento é que aparece a figura de Dadinho, ainda criança. Ele resolve entrar no motel e, aparentemente, a troco de nada matar de modo frio todos que trabalhavam e frequentavam aquele local. Cidade de Deus, nessa cena, apela exageradamente para uma construção de desumanidade na figura de uma criança negra, moradora da favela e sem muitas oportunidades de um futuro diferente. De forma cruel e assustadora Dadinhosáí matando as pessoas e achando aquela cena cômica, para o desconfortamento do público. Após esse episódio o tempo avança e Buscapé já está crescido, e mesmo por pertencer a um lugar de intensa criminalidade e tráfico de drogas ele consegue se distanciar daquela realidade e arrumar um emprego como fotógrafo de um jornal. No decorrer do filme é iniciada uma guerra na favela entre Zé Pequeno e Cenoura por luta de poder e aquisição das bocas de fumo.



Foto:RevistaInterludio

A figura do Zé pequeno, o então crescido Dadinho, é extremamente estereotipada: crescido em um meio que o propiciou ao crime, segundo o enredo do filme, pertencente a favela, jovem e negro. Frio e insensível, ele utiliza da violência exagerada para conseguir o que deseja ou até mesmo satisfação pessoal. Zé Pequeno é retratado como um traficante que não possui sentimentos e é exacerbadamente cruel com os próprios moradores da Cidade de Deus. Na sequência é mostrada uma cena em que o traficante pune um dos garotos da Caixa Baixa por roubos sucessivos dentro da própria favela, diante disso Zé Pequeno juntamente com a sua gangue dá um tiro na mão de um garoto que aparentava ter aproximadamente sete anos.



Percebe-se com isso a marginalização estereotipada e a intenção de, mais uma vez, associar a pobreza da favela com a violência e perpassar a mensagem de que é neste local que estão presentes de forma maciça a presença dos negros. Segundo Rodrigues (2007) há uma violência intersubjetiva e justificada por quaisquer banalidades do cotidiano, como por exemplo códigos de honras, vingança, maridos traídos entre outros. Ela ainda relata que a sequência de hostilidades toma forma de uma interioridade, inspacial e psicológica, conduzida cegamente por desespero e angústia sem que o alvo exterior seja justificável. Com isso fica evidente o estereótipo arranhado e passado das atrocidades que permeiam as favelas e, diante disso, Paulo Lins, autor do livro Cidade de Deus que deu inspiração ao longa, confirma esse conceito afirmando que:

"O pensamento, na Cidade de Deus, que é um condomínio, é urbanizado. Mas a linguagem é o favelesco. Daí se define o que é uma favela. O tipo de vida é o mesmo das favelas. É onde moram os negros, os nordestinos, a miséria. É onde têm bocas de fumo, onde se improvisa sempre. É onde está o que não presta na sociedade." (LINS apud RODRIGUES 1997 a. p. 4).

A relação de violência exagerada é transmitida durante todo o filme reafirmando o conceito de Lins em que para ele cenas de barbaridades estão presentes com mais evidências nas vielas e guetos das favelas. Lugar este, segundo a mensagem passada pelo longa, que só existe relações sangrentas de brigas de gangues pelo poder, como se não houvesse outra realidade de moradores honestos, trabalhadores que estão naquele local por estarem à margem da sociedade, como verdadeiros excluídos de fato. A psicóloga Marisa Feffermann explica esse processo desconstruindo a imagem sangrenta ligada a favela, segundo ela:

"Alguns estudos procuram mostrar que não é a pobreza, mas a própria estrutura do tráfico e o uso abusivo de drogas que geram os comportamentos violentos. Dessa forma, a pobreza não está associada à violência, mas, em conjugação com as falhas do Estado, pode permitir a escolha ou a adesão por subculturas marginais ao uso de drogas ilícitas. Na formação dessas subculturas influi o preconceito de agentes governistas e da sociedade em relação aos usuários de drogas. No entanto, os dados conduzem à desigualdade social que, (...) é componente determinante da explosão da violência. " (FEFFERMANN apud FERRON 2006. p. 54).

6. Pesquisa Realizada

Foi realizada uma pesquisa quantitativa com discentes dos cursos de Cinema e Comunicação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, pois eles são estudantes da área de cinematografia com análise de discurso e representação do real na mídia, por essa razão escolhemos os mesmos para elaboração desta pesquisa. O objetivo é saber como eles entendiam os filmes *Tropa de Elite* e *Cidade de Deus* e suas implicações no cotidiano da cidade de Vitória da Conquista. Foram 82 pessoas com quatro perguntas relacionadas ao tema, sendo que foram de semestre diferentes para que de fato houvesse opiniões mais diversas. Questionados se a violência retratada nos filmes *Cidade de Deus* e *Tropa de Elite* eram estereotipadas, 63,4% responderam que sim e 36,6% disseram que não.

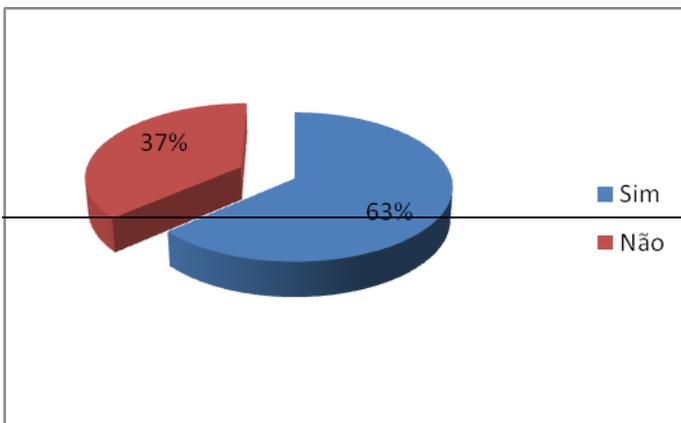


Figura 1 Relacionado a primeira pergunta

Nesta pergunta foi observado que apesar de mais da metade ter respondido que sim um número considerável teve uma opinião contrária, notando assim que há uma grande probabilidade de uma parcela de influência da mídia na opinião pública de forma indireta ou não. Uma confirmação disso foi quando foram interrogados na segunda questão: a retratação exagerada de violência no filme nos filmes contribui para uma opinião pública em relação a favela, 91,4% responderam que sim e apenas 8,6% disseram que não.

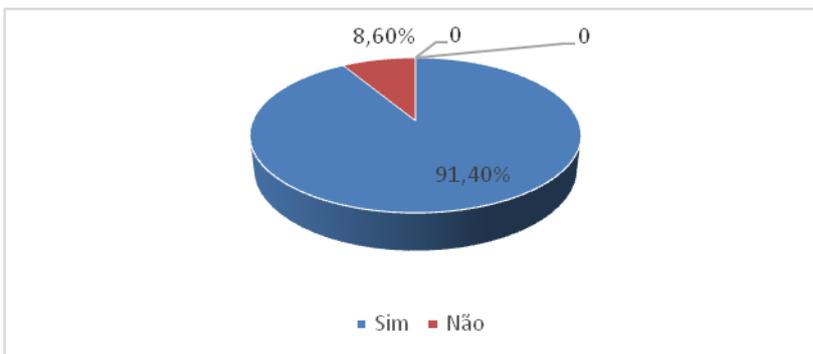


Figura 2 Corresponde a segunda pergunta

Isto aconteceu pela razão de que os alunos pesquisados eram os que estudavam sobre a representação da realidade na mídia, com este conhecimento é possível haver maior entendimento e opinião crítica, mas não quer dizer que o resto da sociedade, principalmente de Vitória da Conquista pense desta forma. Na terceira perguntada sobre o mercado cinematográfico nacional a violência chama atenção para público ir as salas de cinema, uma grande parte respondeu que sim com 72% concordaram que sim e 28% afirmaram que não.

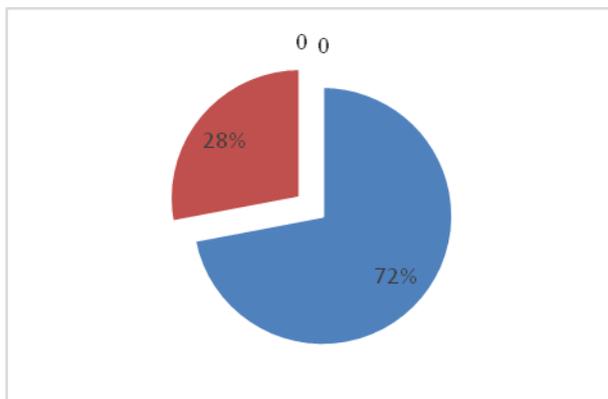


Figura 3 Corresponde a terceira pergunta

Nesta questão mostra que o “o espreme que sai sangue”, ou seja, sensacionalismo consegue chamar atenção, pois o grau de violência e sangue é algo que desperta interesse do público. É salutar lembrar que os dois filmes retratam a violência de forma grotesca e exagerada, como pede o figurino do sangue e horror. A última pergunta foi a que mais surpreendeu, no universo de 82 pessoas 27, correspondente a 33% concorda que a imagem repassada nos filmes Cidade de Deus e Tropa de Elite se aplica nos bairros periféricos de Vitória da Conquista contra 67% que responderam de forma contrária.

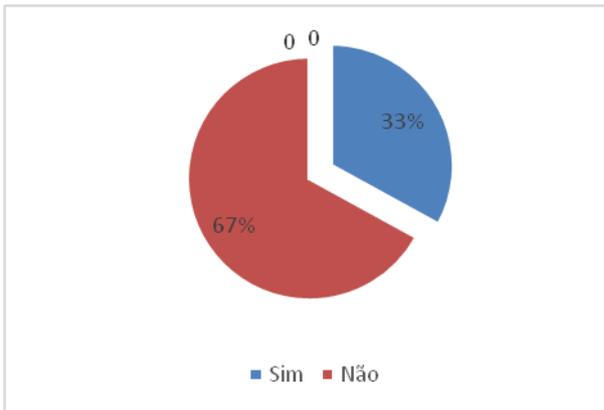


Figura 4 Corresponde a quarta pergunta

A partir desta afirmação podemos afirmar que há esse grande grau indução a respeito da imagem das favelas de modo que as mesma sejam vista apenas como marginalizadas e violenta como a mídia (cinema) tenta repassar.

7. Recorte para Vitória da Conquista

Com embasamento na quarta pergunta que consta se a imagem repassada nos Cidade de Deus e Tropa de Elite se aplicava nos bairros periféricos de Vitória da Conquista, uma grande parte dos entrevistados responderam que sim. Diante disso constatamos que há uma imagem e opinião pré-estabelecida. Isso ocorre porque a maioria das pessoas consome apenas as informações que são passadas pela a mídia, não vivenciando a realidade e portanto tendem ingerir qualquer informação que qualquer veículo de comunicação apresenta. E como elas não estão presenciando a realidade daquele local, por sua vez acabam internalizando a mensagem passada e aplicando a todo tipo bairro periférico.

"Obviamente, na prática, há diversidade de características em cada comunidade. Ao se falar simplesmente em favela (e em seus moradores), corremos o risco de trazer à mente apenas estereótipos pejorativos de espaços urbanos mais ou menos degradados, moradias precárias, cidadãos marcados por carências, abandonos e pelo convívio com a criminalidade. É preciso superar esse estereótipo, reconhecendo a especificidade dos diversos espaços públicos, os vários graus e modos de organização da vida prática e as diversas formas de dinâmicas e ações sociais e culturais neles presentes, muitas vezes com incrível originalidade e tenacidade na formação humana e no apoio social." (SOARES, 2010)



Por toda uma conjuntura social e processo histórico as pessoas predominantes em bairros mais periféricos são negras, possui uma baixa escolaridade e uma renda precária. Por conta disso o índice de pobreza se acentua nessas regiões mais afastadas da cidade, é daí o termo “marginalidade”, um indivíduo que está à margem de alguma coisa, no caso a cidade. Porém a concepção de marginalidade, atualmente, se aproxima do sujeito à margem da ordem pública, do consumo gerado pelo mercado e do suporte que o Estado precisaria oferecer. Diante disso, por possuir bairros mais distantes em Vitória da Conquista, como Pedrinhas, Santa Cruz e Kadija, por exemplo, e a grande maioria das pessoas não conhecerem a realidade de fato presente naquela comunidade, pela distância, por consequência acabam que absorvendo todo e qualquer tipo de conteúdo transmitido pela mídia em geral. Isto acontece pelo fato de que em Cidade de Deus, por exemplo, está sendo mostrado um tipo de favela, característico daquele lugar, as pessoas acreditam que, por realmente a maioria dos moradores se identificar com as características sociais já mencionadas anteriormente, aquele modelo de violência e estrutura do crime funciona, também, em uma cidade de porte menor como Vitória da Conquista, pois nem crime organizado possui. Soares (2010), então chama atenção justamente quanto a essa diferença de comunidade existente nas variadas regiões. E além disso é necessário eliminar, também, os estereótipos urbanos ligados as favelas.

Além de toda a problemática em torno da imagem “marginal” da periferia, foi observado também que a grande parte da população da cidade de Vitória da Conquista consome filmes, dvds e outros pelo comercio pirataria, no centro onde existe várias lojas, há uma quantidade enorme de barracas que vendem todos os lançamento nacionais ou não dos cinemas. Como ocorreu com o filme Tropa de Elite que foi a repercussão da pirataria foi observado que no cotidiano na área de vendas deste tipo de mídia na pirataria é algo constante, umas das coisas que mais acontece é a venda de algum seriado ou qualquer outro produto que nem foi estreado ainda já esteja a venda nesses camelos.

A pirataria que como já foi dito em um tópico acima é ilegal, mas os menos favorecidos ou até mesmo que não tem tempo ou dinheiro pra se locomover até o cinema consome esse mercado, que não quer dizer que o público não vai lotar a sala escura com a tela enorme do cinema, mas sim que despertará a curiosidade e ir prestigiar, pois não é considerado a mesma coisa ver um filme em casa como assistir no cinema, por está razão o filme Tropa de Elite é o exemplo mais interessante disso, já que bateu record de público, mesmo sendo pirateado antes mesmo de ser lançado no ano de 2007.



Conclusão

A análise deste artigo serviu para que pudéssemos perceber o quanto a imagem do cinema pode influenciar na opinião pública. Independente se o meio de comunicação é considerado de massa ou não o poder de persuasão é enorme como mostra a pesquisa realizada para elaboração desse artigo. Nos filmes *Tropa de Elite* e *Cidade de Deus* a imagem recriada além de ser exagerada e violenta influenciou a opinião de forma direta ou indiretamente dos entrevistados. Notamos que os temas abordados nos filmes são corriqueiros quando se trata da relação asfalto e morro. O assunto favela, violência e tráfico são bem mais que batido nos longas nacionais. A impressão que se passa tanto no *Tropa de Elite* quanto no *Cidade de Deus* é que “já vi esse filme antes”. Tudo com o mesmo sentindo e problemática. O morador que é marginal ou por escolha ou por não ter oportunidade e a pessoa rica que é destemida e tenta ver o outro lado da moeda, mas normalmente se arrepende ou percebe que não vai dar certo. Lembrando que o favelizado é negro burro e o rico é branco culto que anormal no mundo que pertence e deseja mudar o mundo. Na pesquisa realizada sobre esse conceito que é retratado nos longas aqui analisados, observamos o quanto a imagem repetida nos filmes nacionais ganham espaço e se enraíza nos pensamentos daqueles que estudam sobre a produção e toda a formação desse tipo de produto, cômico, mas está é a realidade, com isso o que pode acontecer é apenas a reprodução e apropriação do que há no mercado, sem nada de novo sobre enredo dos longas com início, meio e fim pré-estabelecidos. Em relação a pirataria seria necessário se ater a quanto a democratização á informação e o Estado/Mercado promover o entretenimento com medidas mais acessíveis a todos os públicos.

Bibliografia:

- OLIVEIRA, de A.C.F. “ O filme do ano: Observações periféricas sobre *Tropa de Elite*”.
<www.achegas.net/numero/38/augusto_38.pdf> (10.02.2013)
- SOARES, F. “Favelas, diferença e marginalização”
<<http://www.setelagoas.com.br/sete-lagoas/colunistas/felipe/8837-favelas-diferenca-e-marginalizacao>> (11.02.2013)



RODRIGUES, F.E. “Corpo negro e cultura brasileira em cinco filmes nacionais: Uma leitura de Cidade de Deus, Orfeu Negro, Orfeu, Madame Satã e Ônibus 174”.

<http://www.catalao.ufg.br/historia/revistaopsis/Sumarios/OPSIS2007/125_opsis2007 OPSIS2007.pdf>(09.02.2013)

FERRON, T.R. “ ‘Cidade de Deus’: Do malandro ao marginal”.

http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/071/JANETE_FERRON.pdf (09.02.2013)

LAPERLA, Pedro Vinicius Asterito. Cinema brasileiro contemporâneo: os embates políticos na “patrimonialização” do cinema pós-EMBRAFILME. **UNirevista** - Vol. 1, n° 3 : (jul 2006).

CASTELLS, Manoel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. A história cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

LEITE, Márcia Pereira. Vozes e imagens do morro: as favelas cariocas no cinema brasileiro. In: Cadernos de Antropologia e Imagem no. 11. Rio de Janeiro, UERJ, NAI, 2001.

PINHEIRO, Paulo Sérgio; ALMEIDA, Guilherme Assis de. Violência Urbana. São Paulo: Publifolha, 2003.

BARCELLOS, Caco. Abusado: o dono do morro Dona Marta. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. Rota 66: a história da polícia que mata. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

